

Autor: Rômulo da Gama Silva Felipe

Orientador: Alexandre Barbosa Fraga

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho

GT 11: Livros Didáticos de Sociologia

Desvendando a Câmara Escura: o conceito de Ideologia em livros didáticos de Sociologia

Belém, Pará

2021

Introdução

O cenário atual e justificativa do trabalho

É possível atestar nas mídias de massa e outras redes que o termo ideologia vem sendo cada vez mais disseminado na sociedade, e particularmente nos debates políticos. Alguns trabalhos acadêmicos já se debruçaram sobre o fenômeno de movimentos sociais conservadores que se mobilizam em ataques a instituições educacionais, a pretexto de combater o que chamam de “ensino ideológico”.

A dissertação de mestrado de Juliana Guidi Magalhães, “*Os fundamentos liberais e conservadores da ideologia de gênero e do programa Escola sem Partido: a práxis educativa como alternativa no ensino de sociologia crítica*”¹, é um dos atestados de como a educação básica vem sofrendo sistemáticos ataques de setores conservadores organizados. A autora se volta para a construção do discurso da “ideologia de gênero” e para a atuação do movimento “Escola sem partido”, para localizar uma produção de discurso ideológico de ataque à educação.

Nesse ínterim, a motivação principal deste trabalho constitui-se em investigar as formas como o conceito de Ideologia foi pensado pedagogicamente pelos autores de livros didáticos, para ser transmitido aos jovens alunos do ensino médio, no escopo da disciplina de sociologia. O que a sociologia escolar tem a contribuir para um maior esclarecimento deste conceito, que hoje em dia é uma das ferramentas de ação política mais poderosas?

Conceituando ideologia

Alguns importantes pensadores do último século e da atualidade produziram trabalhos marcantes sobre o conceito de ideologia, tais como Norberto Bobbio², Terry Eagleton³, Marilena Chauí⁴, e Karl Mannheim⁵. Cada um deles produziu reflexões e interpretações sobre este conceito que fora o tema do trabalho de Marx na sua *A Ideologia*

¹ Dissertação de mestrado em sociologia apresentada na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em 2020.

² BOBBIO, N. MATTEUCCI, N. PAQUINO, G. “Dicionário de Política”. Vol.1. 7ª edição, Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 1995. P.585.

³ EAGLETON, T. “Ideologia: uma introdução”. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

⁴ CHAUI, M. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2012. 16ª reimp. Da 2ª ed. 2001.

⁵ MANNHEIM, K “Ideologia e Utopia”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

Alemã, dos quais alguns serão utilizados para delimitar algumas das principais divisões e questões acerca do tema da Ideologia nesta introdução.

De acordo com Bobbio, o conceito de Ideologia possui dois sentidos, o “forte” e o “fraco”. O sentido fraco diz respeito a “um conjunto de ideias políticas e de valores respeitantes à ordem pública”, enquanto o sentido forte “tem origem no conceito de Ideologia de Marx, entendido como falsa consciência das relações de domínio entre classes”. Neste segundo, “ideologia é uma crença falsa”⁶.

Em 1846, Marx e Engels desenvolveram em *A Ideologia Alemã* uma crítica ao pensamento de esquerda dos jovens Hegelianos de sua época, os quais estavam muito preocupados em desmitificar os fantasmas da religião, e libertar o povo através de uma libertação da consciência. Entretanto, nas palavras de Marx, os jovens hegelianos “opõe a essas fraseologias (a religião) nada mais que outras fraseologias e que, ao combaterem as fraseologias deste mundo, não combatem de forma alguma o mundo real existente”⁷. Nesta obra, Marx lança as bases do que viria a ser o seu pensamento materialista histórico e dialético, percorrendo como a consciência humana é formada através de sua vivência no trabalho, e das determinações sociais materiais. Sua máxima é expressa na tese onze: “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é *transformá-lo*”⁸.

Neste sentido também escreve Eagleton, segundo o qual “o estudo da ideologia é, entre outras coisas, um exame das formas pelas quais as pessoas podem investir em sua própria infelicidade”⁹. O trabalho do inglês se dedica a compreender como funcionam os mecanismos de dominação ideológica, e porque os sujeitos a ele se submetem. Chauí, por sua vez, afirma que “a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”¹⁰. O trabalho da filósofa se dedica a destrinchar o processo segundo o qual a produção de conhecimento se apartou da produção da vida, e criou-se um discurso dominante, segundo o qual a ideia possui autonomia.

⁶ BOBBIO, p.584.

⁷ MARX, K. ENGELS. F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: editora Martin Claret, 2004.

⁸ MARX, p.120.

⁹ EAGLETON, p.13.

¹⁰ CHAUI, p.7.

Desta forma, delinea-se que os autores pertencentes à chamada tradição marxista compreendem a ideologia como um fenômeno de dominação e de produção de um discurso falso.

Bobbio, entretanto, pontua que no meio acadêmico já se torna dominante o que ele denomina de “sentido fraco” de ideologia, que é a criação de valores coerentes, que orientam a ação social e política. Em suas palavras;

E o caráter da ideologia é atribuído a uma crença, a uma ação ou estilo político pela presença, neles, de certos elementos típicos, como o doutrinário, o dogmatismo, um forte componente passional etc.

Por fim, a obra de Mannheim, *Ideologia e Utopia*, estabeleceu a ideologia enquanto um desvio cognitivo, que pode ser tanto pessoal (concepção particular) quando coletivo (concepção geral). Neste segundo sentido, a ideologia reflete uma visão de mundo enganosa, que compromete mesmo a percepção do sujeito sobre a realidade. Mannheim foi um dos autores fundadores do campo da sociologia do conhecimento (que se propõe a investigar a origem social das ideias).

A partir destas obras, objetiva-se ressaltar a polissemia do conceito de ideologia, e a preponderância de suas duas acepções dominantes: o sentido forte, e o sentido fraco.

DESENVOLVIMENTO

A importância dos estudos sobre livros didáticos

Os estudos sobre livros didáticos já se estabeleceram como um subcampo dentro do saber sociológico. Alguns trabalhos pioneiros, como o de Simone Meucci (2000), atestam que a produção de livros didáticos reflete a própria consolidação do campo das ciências sociais no Brasil¹¹. A tese de doutorado de Flávio Sarandy¹² (2004) também corrobora que os livros didáticos constituem peças-chave na construção do campo de saber da sociologia acadêmica, bem como da construção de seu campo de ensino.

¹¹ “A Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos”. Universidade Estadual de Campinas. Mestrado em Sociologia

¹² *A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil*. UFRJ. Mestrado em Sociologia e Antropologia.

A dissertação de mestrado de Ana Martina Baron Engeroff¹³ (2017) atesta que o aumento das publicações de livros didáticos, a partir do PNLD de 2008, refletiu-se num aumento das pesquisas sobre o ensino de sociologia.

Foram de fundamental importância para a produção deste trabalho a dissertação de Fábio Braga do Desterro¹⁴(2016), e a tese de Júlia Polessa Maçaira¹⁵(2017). Ambos se dedicaram ao estudo dos livros didáticos de sociologia mais importantes, recentemente publicados, alguns dos quais foram utilizados neste trabalho. Desterro procurou compreender como conceitos, temas e teorias são articulados pelos autores dos livros, em cumprimento dos parâmetros estabelecidos pelos documentos oficiais. Maçaira empreendeu um estudo comparativo de livros didáticos produzidos no Brasil e na França, e de como estes se modificaram e aperfeiçoaram concomitantemente à consolidação da disciplina na escola básica.

Um elemento fundamental que retiramos do estudo de Julia Maçaira foi a distinção entre “gerações” de livros didáticos. Segundo a autora, a consolidação do campo de ensino da sociologia na escola básica, com o PNLD de 2008, estabeleceu uma diferença da segunda para a terceira gerações de livros didáticos. A autora identificou transformações na produção dos livros didáticos de sociologia, conforme a disciplina foi consolidando seu ensino na escola básica, ao longo da década de 1990, e ainda mais quando a cadeira foi oficializada como obrigatória, pelo governo federal, em 2008. Os livros aumentaram de tamanho, e ocorreram aperfeiçoamentos nos projetos gráficos e na utilização de recursos visuais.

Enquadramento teórico

Neste trabalho, foi utilizada a teoria da recontextualização pedagógica, criada por Basil Bernstein, para compreender como os livros didáticos constituem uma peça fundamental na elaboração do conhecimento que será especificamente voltado para o espaço escolar.

Bernstein foi um sociólogo da educação preocupado em investigar as instâncias que estabeleciam os currículos e os conteúdos legítimos a serem ensinados nas escolas,

¹³ *A Sociologia no Ensino Médio: a produção de sentidos para a disciplina através dos livros didáticos.* UFSC. Mestrado em Sociologia e Política.

¹⁴ *Sobre livros didáticos de sociologia para o ensino médio.* UFRJ. Mestrado em educação.

¹⁵ *O Ensino de Sociologia e Ciências Sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos.* UFRJ. Doutorado em Sociologia e Antropologia.

bem como o próprio funcionamento do processo de ensino e aprendizagem. Para ele, as instâncias reguladoras do Estado estariam preocupadas em avaliar o ritmo de aprendizagem e o grau de domínio dos alunos (de todo um país) de forma padronizada.

De acordo com Bernstein, o conhecimento escolar é estabelecido como conteúdo “pensável”, aquele que será transmitido aos estudantes, enquanto o trabalho científico das universidades é chamado de conteúdo “impensável”¹⁶ (o que não exclui as escolas também de serem produtoras de conhecimento científico). O estabelecimento de um campo disciplinar faz com que se desenvolva toda uma lógica e uma estrutura interna, de repertório, práticas e privilégios¹⁷.

O processo da recontextualização pedagógica é descrito como complexo e não linear, perpassado pelo que se denomina de *discurso regulativo* e pelo *discurso instrucional*¹⁸. O discurso instrucional é aquele estabelecido pelo saber disciplinar e determina quais saberes são os mais significativos para serem aprendidos sobre aquela disciplina. O discurso instrucional corresponde ao discurso competente. Já o discurso regulativo corresponde aos interesses da instituição estatal, ou autoridade reguladora, que determina quais aspectos do discurso instrucional devem ser ressaltados, com vistas à formação e preparação do estudante para sociedade.

De acordo com Bernstein, o discurso regulativo possui uma preponderância sobre o discurso instrucional porque “toda educação é uma atividade moral, que expressa a(s) ideologia(s) do(s) grupo(s) dominante(s)”¹⁹.

De acordo com Maçaira, o caso brasileiro é fortemente marcado por uma interlocução próxima entre os ambientes escolar e universitário, uma vez que para a confecção dos currículos e dos livros didáticos foram consultados especialistas das universidades, em diálogo com professores atuantes no ensino médio; sendo muitos dos autores de livros didáticos também professores regentes na escola básica (p. 55).

O trabalho com livros didáticos é perpassado por escolhas ideológicas sobre quais competências devem ser consideradas na elaboração de um conhecimento escolar. O reconhecimento da não neutralidade do conhecimento torna necessário o resgate das etapas pelas quais o saber científico vai sendo selecionado, compartimentado e

¹⁶ (MAÇAIRA, p. 54)

¹⁷ (idem, p. 53).

¹⁸ (MAÇAIRA, 2017, p. 52; DESTERRO, 2016, p. 19).

¹⁹ (BERNSTEIN, 1996, p. 97).

direcionado, para a produção de um saber escolar. Essas etapas correspondem ao que Bernstein chama de *discurso regulativo e discurso instrucional*, que são os saberes disciplinares articulados com os imperativos ético/morais e nas competências tecnológicas que serão endossados no processo de ensino; e na *contextualização primária e secundária*, que implicam a criação do conhecimento escolar pelas instâncias oficiais, e na sua apropriação pelos espaços escolares.

Os livros escolhidos

Essas pesquisas me inspiraram a escolher alguns dos livros didáticos que serão objeto de análise no presente trabalho. Selecionamos algumas obras dentre aquelas que abordam o conceito de ideologia, a saber: *Sociologia para Jovens do Século XXI* (2013), de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Costa; *Sociologia em Movimento* (2016), organizado por Afrânio Silva e outros autores; e os livros produzidos por Nelson Dacio Tomazzi, *Iniciação à Sociologia* (2000) e *Sociologia para o Ensino Médio* (2013).

Neste trabalho, foi empreendida uma análise panorâmica da estrutura de cada livro didático, das suas propostas curriculares e pedagógicas. Realizou-se uma descrição detalhada, que foi do número de páginas à forma como os recursos de imagens são utilizados, das propostas de atividades de pesquisa, exercícios de fixação, atividades preparatórias para o ENEM e vestibulares, atividades interdisciplinares etc.

Nos capítulos em que o conceito de Ideologia foi trabalhado, analisei a proposta curricular de cada autor, a forma como o conceito é abordado, com quais temas é articulado, quais os principais autores e visões teóricas é articulado. Também foram analisados os exercícios e atividades propostos para a aprendizagem do conteúdo.

O livro *Iniciação à Sociologia*, de Tomazi, não fez parte de PNLD. Sua primeira edição foi de 1992, e baseou-se no currículo da secretaria estadual de São Paulo. Tomazi é, dentre os autores, o que possui carreira mais longa e atuante em prol do ensino de sociologia na escola básica²⁰. Seu livro se tornou um indutor curricular para os livros da geração seguinte. A análise desse material serviu para estabelecer uma comparação interessante de como a produção de livros didáticos de sociologia passou por um processo

²⁰ Perfil profissional em http://www.uel.br/portaldoaposentado/entrevista/entrevista_12.php, <https://www.escavador.com/sobre/3385617/nelson-dacio-tomazi>, e uma entrevista com ele em <file:///C:/Users/55219/Downloads/4745-Texto%20do%20artigo-11752-1-10-20131223.pdf>.

de amadurecimento profundo. Essa obra possui um projeto gráfico extremamente modesto se comparado ao das obras posteriores, além de ser extremamente tímida na proposição de atividades, solução de questões dentre outras possibilidades, que foram largamente exploradas nas obras posteriores. Cabe destacar que o capítulo no qual o conceito de ideologia é trabalhado é de autoria de Regina Aída Crespo, doutora em história social pela USP, e que trabalha com literatura mexicana e brasileira²¹.

O livro *Sociologia para o Ensino Médio*, de autoria de Tomazi possui uma estrutura curricular bastante semelhante à daquele que fora organizado por este autor. Ambas as obras se organizam a partir dos temas: relação indivíduo e sociedade, trabalho, desigualdades sociais, política e as formas do Estado, cultura e ideologia e movimentos sociais. O livro de 2013 possui uma unidade extra que aborda o tema da mudança social. A obra conta com um projeto gráfico e editorial rico, com uma linguagem acessível aos estudantes. O que se destaca na proposta pedagógica do livro são os exercícios e atividades voltados para a reflexão crítica e a produção textual dos estudantes. É notável a ausência de questões provenientes de exames como o ENEM ou vestibulares (questões de múltipla escolha), que virtualmente preparariam os alunos para esses exames.

O livro *Sociologia em Movimento*, um dos mais utilizados nas redes pública e particular de ensino no Estado do Rio de Janeiro, foi produzido por uma equipe de professores bem qualificados e experientes em sala de aula, todos atuantes no Colégio Pedro II. As seis unidades versam sobre os temas da produção do conhecimento, cultura, poder e diversidade, relações de poder, o Estado e os movimentos sociais, trabalho e desigualdades, globalização e desenvolvimento, e questões contemporâneas, como a vida nas grandes cidades, questões de gênero e a questão ambiental.

O livro possui um projeto gráfico e editorial de primeira linha. Ao mesmo tempo em que é rico em material textual, também vem com uma quantidade abundante de recursos de imagens, fotografias, pinturas, mapas mentais, linhas do tempo e uma diversidade de materiais de apoio. A seção de atividades é especialmente bem desenvolvida, sendo dividida em “reflexão e revisão”, “questões para debate”, “exames de seleção” e “questões para pesquisa”.

²¹ O Currículo Lattes da professora está disponível em:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4785523U6>

Por fim, o livro *Sociologia para Jovens do Século XXI* foi o último que utilizamos para este trabalho. Comparativamente ao *Sociologia em Movimento*, e mesmo ao *Sociologia para o Ensino Médio*, este livro é bastante simples em sua elaboração gráfica, mas não é insuficiente em nada na qualidade do conteúdo que apresenta. Muito pelo contrário, seus 23 capítulos, divididos em três unidades, abordam temas bastante originais e candentes, que podem despertar o interesse dos alunos, conforme veremos. Além disso, o texto possui uma linguagem direta e acessível, bem menos técnica que nos outros livros, e recorre abundantemente a exemplos do cotidiano para explicar questões sociológicas.

O trabalho com o conceito de Ideologia nos livros didáticos

Ao longo da pesquisa pôde-se perceber que três dos quatro livros didáticos analisados possuem fortes semelhanças nas propostas curriculares sobre o ensino da ideologia, ainda que suas propostas de ensino se diferenciem, sobretudo no que diz respeito às atividades propostas em cada livro.

Podemos considerar, levando em conta as descobertas dos estudos que mencionamos, que o próprio livro de Tomazi, o *Iniciação à Sociologia*, foi um precursor dos livros que se seguiriam, a partir do PNLD de 2012. Sua proposta de vincular o ensino da ideologia ao conceito de cultura foi assimilada pelas propostas de *Sociologia para o Ensino Médio*, e o *Sociologia em Movimento*. Era de se esperar que *Sociologia para o ensino médio* se pautasse pela mesma proposta do *Iniciação* visto que ambos foram produzidos por Tomazi (ainda que o capítulo de cultura e ideologia do *Iniciação* não tenha sido escrito por ele). Mas é inegável sua influência em uma obra que tem uma proposta de ensino bem diferente, ao menos no que diz respeito às atividades, exercícios, e inclusão de questões de vestibulares e do ENEM.

Nessas três obras, o conceito de ideologia foi vinculado estreitamente ao conceito de cultura. Parte da explicação para essa escolha deve-se à ênfase no conhecimento sociológico, em detrimento do antropológico, nas obras para o ensino médio, havendo pouco espaço, por exemplo, para o estudo de sociedades indígenas, conforme afirma Desterro (p. 123). Essas três obras, depois de passarem em revista às escolas antropológicas, na primeira metade de cada capítulo, introduzem o conceito de ideologia para, através dele, analisar a cultura como um fenômeno sociológico, da sociedade contemporânea, perpassado por interesses de classe e de poder.

Regina Aída Crespo define o conceito de cultura como insuficientemente político, e o conceito de ideologia como excessivamente politizado. Ambos têm em comum o fato de trabalharem com a esfera do simbólico e, portanto, com a criação de discursos e práticas das sociedades. Crespo afirma existir um dilema, pois esses dois conceitos se complementam, mas ao mesmo tempo se colocam como fechados e autossuficientes. A saída, segundo ela, estaria em observar os movimentos de resistência que ocorrem diante de cada tentativa de dominação nas sociedades de classe.

Tanto *Sociologia para o Ensino Médio* quanto *Sociologia em Movimento* apostaram na relação existente entre os conceitos de cultura e ideologia que ocorre dentro do tema da indústria cultural. Nesses casos, a ideologia funciona como uma ferramenta que ajuda a compreender a cultura como um instrumento de dominação na nossa sociedade, através do estabelecimento de hierarquias, por exemplo, como é o caso das culturas erudita, popular e de massas. Esses capítulos problematizam como os meios de comunicação de massa produzem alienação, e são veículos de divulgação das ideologias dominantes.

O único livro que possui uma proposta que se diferencia das outras é o *Sociologia para Jovens do Século XXI*. É o único livro que dedica um capítulo exclusivo para o conceito de ideologia, e não o coloca dentro de outro capítulo sobre cultura, nem sobre política, nem sobre indústria cultural (cada um desses temas também terá seu capítulo próprio na obra). O capítulo que se dedica à ideologia tem como principal objetivo tornar claro para o aluno o papel que a ideologia tem na efetiva criação de ideias e valores, que levam a determinadas ações sociais e políticas, visando a determinados interesses de classe ou de grupos.

A proposta de ensino encontrada em cada uma das obras é o ponto máximo de diferenciação entre cada uma delas. O *Iniciação à sociologia* possui recursos gráficos modestos, ao mesmo tempo que possui um texto denso, tanto em informações quanto na reflexão que propõe. Sua seção de atividades constitui em dois textos com perguntas, os quais reforçam a problemática proposta no capítulo, da relação da cultura com o poder.

Sociologia para o Ensino Médio e Sociologia em Movimento possuem propostas curriculares muito semelhantes, diferenciam-se nos objetivos de aprendizagem, refletidos nos exercícios e propostas de atividades. O primeiro possui seções de atividades muito modestas (nos capítulos 18 e 19), com textos para reflexão seguidos de perguntas, e

algumas sugestões de filmes e livros, ao final da unidade. Já o segundo se caracteriza por uma diversidade de propostas, tanto no que diz respeito a pesquisas em grupo, questões de reforço, quanto a questões para reflexão e questões do ENEM.

Também nesse quesito, *Sociologia para jovens do Século XXI* apresenta uma proposta inovadora e diferenciada. Os esforços para que o estudante apreenda o conteúdo sobre ideologia não se resumem à seção de exercícios e atividades, mas está presente em todo o corpo do texto. Logo no início, são apresentadas frases de senso comum, com as mais diversas opiniões sobre questões sociais, culturais e políticas, que por si só já instigam o debate. Depois de passados em revista os principais teóricos que abordaram a ideologia, o texto do capítulo 7 apresenta o filme *Matrix* como uma alegoria de como as ideologias funcionam. Da mesma forma, propõe um exercício de como frases e pensamentos relacionados ao cotidiano escolar estão embutidos de ideologias, uma vez que veiculam posturas e práticas que produzem resultados políticos e sociais. Ainda assim, a seção de atividades do capítulo dessa obra é uma das mais diversificadas.

A base teórica utilizada por todas as obras é mais ou menos a mesma, bem como a trajetória do conceito de ideologia. Geralmente se começa pela ambição de Destutt de Tracy em lançar uma nova ciência de origem das ideias, a estigmatização da palavra ideologia graças a Napoleão Bonaparte, e a criação do conceito de “falsa consciência” por Karl Marx, em sua obra *A Ideologia alemã*. A única obra que não reproduz a mesma narrativa é *Sociologia em Movimento*, que já inicia com a apresentação do conceito de “falsa consciência” conforme elaborado por Karl Marx.

A obra de Marx é fundamental na compreensão da ideologia, em todos os livros que tratam do assunto. A teoria da “Superestrutura” e da “Infraestrutura”, da separação (entre as esferas material e cultural), da determinação (a realidade material influencia a criação de ideias) e da inversão (as ideias são consideradas “superiores” à realidade produtiva) são apresentadas em todas as obras.

Em seguida, o conceito de ideologia como visão de mundo, conforme elaborado por Antonio Gramsci, com os conceitos de “hegemonia” e “contra hegemonia”, é apresentado como um subdesenvolvimento da compreensão de ideologia, que vem a se somar ao anterior. A ideologia enquanto visão de mundo sempre é levantada quando se procura compreender que as ideologias que oferecem resistência à opressão capitalista também são ideologias.

A filósofa Marilena Chauí também é uma referência teórica bastante recorrente em algumas obras (*Sociologia em Movimento* não a utiliza, nem Tomazi em *Sociologia para o Ensino Médio*, apesar de incluí-la nas indicações de leitura). A obra dessa autora que é utilizada como referência é *O que é ideologia*, um livreto publicado em 1980, na coleção “Primeiros Passos” da editora Brasiliense²². *O que é Ideologia* procura traçar uma definição do que é ideologia, e remonta suas origens ainda na Grécia antiga, quando o trabalho intelectual se separa do trabalho manual, e se institui como uma esfera superior. O descolamento das ideias da atividade produtiva é o começo do pensamento/comportamento ideológico (CHAUÍ, 2001, pp. 12 e 13).

Karl Mannheim é mencionado por Tomazi e Oliveira e Costa como um dos autores que mais se dedicaram ao estudo da ideologia, e diferenciou “ideologia” de “utopia”, sendo a primeira uma manifestação do pensamento das classes dominantes, e a segunda uma forma de resistência. Tomazi aponta em Mannheim as formas “particular” e “total” da ideologia, em que a primeira corresponde ao simples engano, enquanto a segunda corresponde a toda uma visão de mundo, enquanto que Oliveira e Costa se referem à “total” e à “restrita”; a primeira corresponde à visão de mundo de uma sociedade, e a segunda a uma visão de mundo conservadora.

O teórico da cultura Raymond Williams é utilizado por Crespo para compreender tanto o conceito de cultura quanto o de ideologia, articulando-o com as características da “falsa consciência” delineada por Karl Marx.

Os autores da escola de Frankfurt, Adorno, Horkheimer e Walter Benjamin, são mobilizados nos capítulos sobre a indústria cultural, e explicam como a ideologia das classes dominantes se faz presente nos veículos da cultura de massa.

Outros autores como Durkheim, Lênin, Bourdieu, Passeron e Althusser são mencionados em seus conceitos mais importantes; a ideologia proletária, a violência simbólica, “a reprodução”, e os aparelhos ideológicos de Estado, também são mencionados como fundamentais para a compreensão da ideologia.

²² Já está em sua 16ª edição, e a edição consultada é a segunda, de 2001.

Por fim, autores como Foucault, Sartori, Octavio Ianni e Eunice Durham são mencionados *en passant*,²³ fornecendo exemplos de como a ideologia opera, através da sociedade de controle ou da sociedade visual do espetáculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se buscou realizar com este trabalho foi uma investigação sobre como o conceito de ideologia é trabalhado nos livros didáticos de sociologia. As considerações teóricas que foram levantadas buscaram estabelecer o lugar do livro didático enquanto um produtor e veiculador de conhecimento, entre a universidade e o espaço escolar.

O que se levantou dessa investigação foi que alguns autores se revelam fundamentais para a compreensão da ideologia. O paradigma de Karl Marx permanece como fundamental, e os pontos mais importantes de sua teoria, a infraestrutura *versus* superestrutura, e os conceitos de separação, determinação e inversão, permanecem como essenciais na compreensão desse conceito. Além disso, a teoria da hegemonia e da contra hegemonia, e da ideologia enquanto “visão de mundo”, elaborada por Antonio Gramsci, enriquece ainda mais o paradigma proposto pelo autor alemão.

A maioria dos livros didáticos que dedicaram atenção ao conceito de ideologia optou por fazê-lo em diálogo com o conceito de cultura, alocando-o ao lado dos estudos antropológicos e dos estudos sobre as culturas de massa. Entendemos que essa foi uma opção que reflete uma hegemonia do pensamento sociológico que alocou os conceitos de cultura e ideologia como meros instrumentais para a compreensão de fenômenos da sociedade complexa. O pensamento antropológico, bem como a diversidade cultural humana, merecia espaços mais generosos nos livros didáticos de sociologia. Um provável resultado desta medida seria explorar o conceito de ideologia em toda a sua riqueza e complexidade.

O conceito de ideologia pode ser estudado de forma bem mais aprofundada se for explorado em sua natureza política, ao mesmo tempo que em sua natureza cultural. De acordo com Norberto Bobbio, o conceito de ideologia sempre recupera seu crédito, e se torna uma ferramenta de análise política cada vez mais inescapável, todas as vezes em

²³ O texto de Leandro Konder de crítica ao *Curriculum Vitae* foi utilizado como exercício de combate ao comportamento ideológico. Contudo, esse autor também se dedicou a estudar o conceito de ideologia ao longo de sua carreira.

que se tentou colocá-lo de lado (tal fenômeno ocorreu nos anos 1950, depois em 1990, com a queda da cortina de ferro) (BOBBIO, 1998). Nas sociedades contemporâneas, ainda não foi possível renunciar às paixões políticas.

Estudos como o mencionado na introdução deste trabalho, de Juliana Guidi Magalhães, mostra como a escola básica e as universidades têm sido atacadas sob o argumento de estarem realizando um ensino “ideológico”. Já se faz mais do que urgente que esse conceito seja bem definido pelos setores acadêmicos dedicados ao seu estudo (filosofia, sociologia etc.), e que também, sobretudo, sejam estabelecidas pontes de diálogo com a sociedade, e estratégias de ensino e aprendizagem voltadas para esse conceito.

O estudo das diversas estratégias de recontextualização pedagógica que levantamos neste trabalho pode servir para ampliar os horizontes de compreensão, não apenas sobre esse conceito tão complexo, mas também de metodologias de ensino mais efetivas.

REFERÊNCIAS

Livros Didáticos analisados:

OLIVEIRA, L. F; COSTA, R. C. R. *Sociologia para jovens do século XXI*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

TOMAZI, N. D. (coord.) *Iniciação à Sociologia*. 2.ed. São Paulo: Atual, 2000.

TOMAZI, N. D. *Sociologia para o Ensino Médio*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

VÁRIOS AUTORES. *Sociologia em Movimento*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2013.

Referências bibliográficas:

BERNSTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. *Cadernos de Pesquisa*, n. 120, p. 75-110, nov. 2003.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1 ed. 1998. Verbetes: Ideologia, pp 585-597.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos; 13). 16ª reimpressão da 2ª edição de 2001.

DESTERRO, Fábio Braga do. *Sobre livros didáticos de sociologia para o ensino médio*. Rio de Janeiro, 2016. 270 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

EAGLETON, Terry. “Ideologia: uma introdução”. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ENGEROFF, Ana Martina Baron. *A Sociologia no Ensino Médio: a produção de sentidos para a disciplina através dos livros didáticos*. Florianópolis, 2017, 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina.

MAÇAIRA, Julia Polessa. *O Ensino de Sociologia e Ciências Sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos*. Rio de Janeiro, 2017, 314 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MAGALHÃES, Juliana Guidi. *Os fundamentos liberais conservadores da ideologia de gênero e do programa “Escola sem Partido”*: a práxis educativa como alternativa no ensino de sociologia crítica. Campinas, 2020, Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de Sociologia, PROFSOCIO). Universidade Estadual de Campinas.

MANNHEIM, Karl. “Ideologia e Utopia”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

MARX, K. ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: editora Martin Claret, 2004.

MEUCCI, Simone. *A Institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos*. Campinas, 2000. 158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SARANDY, Flavio. *A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil*. Rio de Janeiro, 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em



www.enseb.com.br
contato@enseb.com.br

Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.